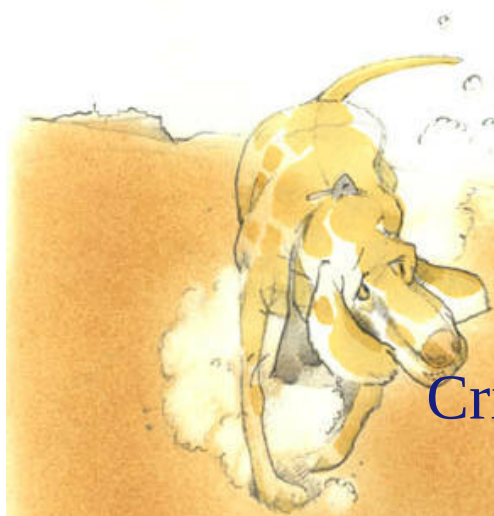


DE ARZILA A TÂNGER

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



Houve um tempo em que os reis de Portugal detinham, entre outros territórios ao seu mando, umas tantas cidades fortificadas do Norte de África. Uma delas Tânger. Outra, Arzila.

Ora aí pelos começos de 1503, o governador português de Arzila soube que os mouros de Fez preparavam, às escondidas, uma expedição para cercar Tânger. Pretendiam uns tantos infiltrar-se na cidade, sob o disfarce de mercadores, para ajudarem à conquista, quando o exército mouro, a coberto da noite, tentasse escalar as muralhas da cidade. Era um bom plano, mas...

Mas se fosse possível avisar a tempo o governador militar de Tânger, ia o plano por água abaixo. Avisar como? Nessa época não havia correios nem telégrafos nem faxes nem telefones.

Podiam enviar um emissário, pois podiam. O pior era se o cavaleiro era interceptado pelas hostes inimigas, que iam já a caminho.

Estava o governador de Arzila a congeminar, sem se decidir, quando ouviu uns latidos, vindos da cerca do quartel.

– É a cadela do Pedro de Castro, com saudades do dono, que pertence à guarnição de Tânger – esclareceu um oficial.

– E porque não foi a cadela com ele? – quis saber o governador.

– A cadela estava à espera de cachorrinhos. Eles já nasceram, já os amamentou e agora, se a gente a desprendesse, era capaz de saltar tudo para ir ter com o dono.

– E há-de ir – disse o governador, tomado de uma súbita ideia.

Trouxeram a cadela, muito esperta e meiga, ataram-lhe aos pescoço um saco pequeno, que continha uma carta enrolada, e levaram-na para as portas da cidade de Arzila.

– Vai avisar o teu dono – disseram à cadela, dando-lhe uma palmada no lombo.

Foi o que ela quis ouvir. Fareja aqui, fareja ali, a cadela correu pelo deserto, ultrapassou caravanas, ladeou oásis, venceu dunas e passou, sem se dar a conhecer pelo exército mouro, acampado num desfiladeiro, à espera da noite do ataque.

Muito cansada e dorida, entrou em Tânger, orientou-se por ruas e ruelas e foi descobrir Pedro de Castro, a almoçar com o governador. Que grande alegria para o bicho e para o dono!

– Ela traz um saquitol pendurado ao pescoço – chamaram à atenção alguns dos presentes.

Foram ver. Era a carta com o aviso.

Logo o governador de Tânger mandou tomar providências.

Fecharam as portas da cidade. Dobraram as atalaias, redobram as defesas e, assim, a cilada que os mouros queriam armar não surtiu efeito.

A cadelinha salvara muitas vidas e uma fortaleza do reino. Era uma heroína, com direito a título de registo, na História de Portugal. Mas se nem sequer lhe sabemos o nome...

FIM